

Na Faculdade de Economia de Coimbra usa-se a fotografia como veículo de humanização

written by Alberto Jorge Santos | 13 de Março, 2024



O professor explica ao repórter de OC, por que motivo é aquela a parede adequada para expor as fotos -Foto de

ANTÓNIO PROENÇA

Há uma parede, antes singela e “anónima”, que ganhou estatuto e é, agora, com ou sem fotografias, talvez a mais célebre da faculdade. Localizada onde quase todos passam, foi, por isso, a escolhida para suportar o **Ciclo de Exposições Semestrais de Fotografia que o Professor Eduardo Barata criou**. Os ciclos iniciam-se em Setembro, decorrem até Fevereiro; depois, uma pausa para “a parede respirar” e, de finais de fevereiro até julho, inicia-se novo ciclo. Atualmente decorre o 15º ciclo.

Mas desengane-se quem pense que é uma exposição qualquer. Embora feita por amadores, tem características que lhe dão particular importância. Ou não sirva para “*humanizar e unir as pessoas*” que diariamente utilizam o estabelecimento de ensino.

“Desafiamos, criamos um tema e depois temos que mobilizar alguém para trabalhar esse tema, sempre com orientação de uma linha curatorial. Procuramos estabelecer alguns padrões de qualidade, com uma abordagem 100% amadora. De nós e para nós. Não temos a pretensão de transformar este ciclo de exposição de fotografia em algo profissional nem que tenha sequer a ambição de atingir tais patamares.” – disse o professor associado.

Estes ciclos são temáticos e envolvem toda a população da faculdade : alunos, professores e funcionários. “Quem tira as fotografias são colegas professores, alunos de diversos graus, funcionários e procuramos sempre diversificar. A seguir a um professor de uma área, vem um professor de outra, depois vem um aluno, a seguir um de mestrado, depois um de doutoramento, no seguimento, um funcionário, depois de um homem, uma mulher e assim sucessivamente.” – esclarece Eduardo Barata.



Eduardo Barata ambiciona com a fotografia, “chegar onde as palavras não chegam”. Foto de ANTÓNIO PROENÇA

TEMAS DIVERSOS

Como foi referido, as exposições são temáticas. E os temas têm sido muito diferentes uns dos outros. De momento, chama-se **“Caminhos”**. A autoria é da professora **Rosa Monteiro**, ex-secretária de estado da Igualdade. Eduardo Barata adianta que a temática tem sempre muito em comum com a pessoa que tira as fotografias. *“Esta, da professora Rosa Monteiro, tem a ver com o caminho que se percorre. Denotam protesto, denúncia. Há monocromia e toda uma narrativa associada que é trabalhada em conjunto. as fotos fornecem um testemunho, uma expressão capaz de acrescentar valor sobre pobreza e luz, dignidade e textura, ou igualdade e a “regra dos terços”. A fotografia é uma oportunidade suprema para a autoexpressão.”*

“O Espaço”, “Liberdades”, “Igualdades”, “Infinito”, ou “Do Ar e da Água”, são algumas das temáticas que têm dado vida àquela parede, quase mágica, adornada com fotos a preto e branco. Mais, muito mais, do que olhar para fotos, o que está ali é vida, chamamento, natureza. “Fotografar é dialogar, partilhar; uma fotografia é um objeto de partilha, de acesso.” – diz o professor de Economia.

E continua a explicar-nos a importância deste muro

fotográfico. As pessoas (professores, alunos), sempre. E o seu envolvimento permanente. “Sim, as pessoas fecharam-se muito nas suas próprias áreas; o que distingue esta faculdade é a nossa capacidade de colocar em diálogo áreas que, até aqui, trabalhavam de forma demasiado estanque. Pretende-se colocar as pessoas a formar um espírito de grupo, partilhar um objetivo comum. Humanizar estas paredes é permitir que haja transversalidade.”

VEÍCULO

O professor Eduardo Barata transpira paixão pela fotografia. A conversa flui e os seus olhos brilham quando nos esclarece o traço, a sombra, a imagem ou o local. Para muita gente, as fotografias representam algo estático, com meros fins contemplativo. Quiçá memórias de momentos. Para Eduardo Barata, vão muito para além disso. *“Mesmo que incompatível com a intervenção, num sentido físico, fotografar é uma forma de participação. Embora pressuponha uma postura de observação, o ato de fotografar é muito mais do que observação passiva. Tirar uma foto é ter interesse pelas coisas como elas são.”* – escreve na nota de apresentação do temam “Caminhos”.

A fotografia é uma forma de comunicar – para Eduardo Barata, **uma forma suprema.** Quando questionado se a fotografia é a arte que surge por acaso neste propósito de humanizar, de partilhar e de unir – podia ser o cinema, a banda desenhada ou a pintura, por exemplo – responde de forma lapidar. “O meio utilizado é apenas isso mesmo, um veículo. Claro que podia ser a pintura ou outra forma, mas a fotografia é um veículo muito mais democrático. Todos nós temos a possibilidade – e mesmo a tentação espontânea – de fotografar tudo o que nos rodeia. Estamos no lado de “cá”, como na “Caverna de Platão.” De facto, hoje, a maioria das pessoas têm telemóveis, equipados com máquinas fotográficas, o que confere essa “democraticidade” à fotografia, de que fala Eduardo Barata.

ESTÍMULOS

O apoio para estes eventos é da Faculdade de Economia, de quem a dirige. Talvez não contassem com um envolvimento e interesse tão grande como aquele que existe com as exposições. E até que, fotografar, criasse esse **espírito coletivo**, tão desejado na faculdade. “Todos se envolvem, todos. Diferentes cargos, diferentes estatutos, diferentes idades. Toda a faculdade participa com grande interesse.”

No caso concreto dos alunos “*Envolvem-se bastante*” – diz. E acrescenta “*É muito importante renovar os laços que temos com os estudantes. Se passarmos 2 ou 3 ciclos sem os envolver, começam a ficar um bocadinho mais neutros; quando os voltamos a envolver, voltam a aproximar-se e a gostar muito do que estão a fazer. Os estudantes precisam de estímulos. As exposições contribuem para que sintam os estímulos certos para também enriquecerem-se por esta via*”.

Os ciclos de exposições decorrem a par com os semestres letivos : de setembro a fevereiro e de finais de fevereiro a julho. A paragem decorre durante o mês de fevereiro. “Se queremos que as pessoas sintam e criem envolvimento com a exposição, temos de parar, o que fazemos em fevereiro para a parede respirar...Fazemos questão de que haja um pousio e as pessoas sintam a necessidade de ver aquele canto novamente com fotografias.” – explica.



“Os estudantes precisam de estímulos” – afirmou o Professor Eduardo Barata –

Foto de ANTÓNIO PROENÇA

EDUARDO BARATA

Mentor e Curador deste Ciclo de Exposições, **Eduardo Barata** nasceu em dezembro de 1969, na cidade de Sá da Bandeira (atual Lubango), em Angola. Vive em Coimbra, é Professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e investigador do CeBER. Licenciado em Economia (1993) e Mestre em Economia Financeira (1997) pela FEUC. Doutor em *Environmental Social Sciences* (2003) pela *School of politics, International Relations and the environment* da Universidade de Keele, no Reino Unido. É, também, membro do Conselho de Administração da Metro Mondego

Segundo o livro que acompanhou a sua exposição (Do Ar e da Água), *“é comunicativo, dedicado e minucioso, amante da Natureza e do ar livre, encontrou na fotografia um impulso para ambicionar chegar onde as palavras não chegam, revelar mistério no que nos é familiar, que conhecemos...mas não vemos”*. Algumas destas características são rigorosamente verdadeiras, acreditem!, testemunhadas pela equipa de reportagem de O Cidadão.

Reportagem OC: A.Jorge Santos (texto) e António Proença (fotos)



A parede “mágica” que foi escolhida

para colocar as fotografias dos diversos ciclos, a fim de Humanizar mais a Faculdade e criar espírito de corpo. Foto de ANTÓNIO PROENÇA